

Japão: uma avaliação

Ian Jeffrey

Que quer dizer exactamente o termo documentário? Dantes achava-se que era possível compreender os outros através de fotografias. Que era possível ver como trabalhavam, como se comportavam numa bancada de trabalho ou à frente de uma máquina. Partia-se do princípio de que o mundo estava povoado por trabalhadores e que era possível manter com eles alguma empatia. Esta ideia ainda hoje persiste. Deixou, no entanto, de ser um dado adquirido. Fomos forçados a admitir que os outros são, ou podem ser, um mistério, e mesmo que passámos, nós e eles, a ter uma existência distinta. À luz dos velhos termos de referência, possuíamos uma identidade centrada no nosso ser físico. Agora, parecemos levar uma existência difusa, como partes de um sistema ou de uma rede. Anteriormente, durante os anos 40 e algum tempo depois, as pessoas que encontrávamos habitavam um aqui e agora circunscrito. Hoje em dia, ou no passado pós-moderno recente, aqueles com quem nos cruzamos têm parte das suas vidas algures. Talvez colaborem com uma empresa, ou pertençam a uma outra cultura, e muitas vezes a sua marca é o telemóvel. As fotografias de Patrícia Almeida estão cheias desses marcadores de rede.

Antigamente, pensava-se que trabalhávamos e que a nossa essência estava aqui, no trabalho, o que constituía mesmo um estado heróico e monumental. Acabámos por perceber a ilusão. Talvez as evidências do contrário fossem demasiado importantes. Apontavam para o tempo que gastamos em estados intermédios, a entrar e a sair, à espera e a observar. Nesta série, há muitas imagens de pessoas à espera que mude o semáforo ou que chegue o transporte. E por todo o lado há sinais que reclamam atenção.

O vídeo é um *medium* contemporâneo ideal, embora para o documentário tenha algumas desvantagens. Muitas vezes, caracteriza-se pela baixa definição da imagem, o que faz alguma justiça à dimensão intermutável que marca as nossas vidas actuais. Também nos permite focar a atenção no movimento da vida contemporânea, nas formas como interagimos em grupos e multidões. O que significa exactamente andar apressado, ou estar à espera? O vídeo possibilita o registo de algumas destas condições características. A sua limitação, porém, é que destaca o movimento em prejuízo do cenário. Podemos acompanhar um grupo filmado em vídeo, como num circuito interno de tv, e observar as suas dinâmicas, mas é difícil afirmar alguma coisa sobre estas dinâmicas. O vídeo classifica os espectadores como batedores e caçadores, enquanto a imagem fixa – e, certamente, a fotografia que Patrícia Almeida pratica – convida ao discurso e à análise, porque nos incita a gastar algum tempo e a ler toda a cena, com os seus meandros. Em algumas cenas, vemos raparigas adolescentes a fazer tempo numa praça da cidade. Graças à sua tendência para recorrer a séries de imagens, conseguimos identificar alguns dos movimentos e posturas corporais das raparigas; mas, como não deixam de ser fotografias, também temos possibilidade de ler a cena e apanhar alguma coisa do seu contexto cultural.

Uma das afirmações implícitas nesta série é que vivemos num ambiente quase inumano, sobredeterminado pela rede. Alguns dos edifícios que aqui se mostram aparecem enredados até ao infinito e erguem-se alinhados com o horizonte. Os espaços mais intimistas estão empilhados com cartazes e inscrições sob meadas de fios eléctricos e cabos de toda a espécie. Ainda assim, apesar de toda esta profusão de marcas de contemporaneidade, o

projecto de Patrícia Almeida tem um lado humanista. É um comentário sobre a Era do Homem. Jovens matam o tempo e actuam cenas infantis em cruzamentos e ruas da cidade. Empregados de escritório passeiam juntos resolutamente. Peões com os cestos das compras regressam à base. Ciclistas que passam carregados ilustram o tema doméstico.

É fácil imaginar os espaços domésticos por trás das fachadas e toda a espécie de interesses particulares, porque entre os seus transeuntes encontramos estilos e hábitos muito variados. A Tóquio de Patrícia Almeida é uma cidade com um lado terno e a promessa de momentos íntimos e familiares. É, acima de tudo, uma cidade onde a humanidade parece ser vulnerável. Não é só o facto de os edifícios serem enormes e de não terem proporções à escala humana, mas também de se ter acesso a eles por passagens complexas. Será a cidade, com a sua cultura profusa e labiríntica, demasiado para todos eles? É esta a sugestão que nos faz sucessivamente.

A arte contemporânea valoriza o julgamento. A arte feita para bienais e galerias tem que obedecer a certos requisitos. Deve ser acessível, porque é para ser contemplada a ritmo de passeio. e obras demasiado intrincadas perturbarão o fluxo. Nestas circunstâncias, à fotografia resta um papel hermenêutico, pois continua a ser uma arte privada que depende da página impressa. À primeira vista, estas fotografias de Tóquio parecem talvez demasiado centradas na superfície da vida contemporânea, mas, após alguma reflexão, pode perceber-se que invocam outros valores e formatos. Os modernistas da época áurea (cerca de 1930) recorriam a estruturas binárias: grande e pequeno, artificial e real. Patrícia Almeida refere-se a esse esquema de coisas. Algumas das suas personagens descendem, várias gerações depois, de 'The Family of Man': em particular, dois amantes jovens numa estrada rural. Mas é um vago 'The Family of Man' que nos vem à mente, e chega-nos principalmente em termos de diferenças. O seu tríptico de abertura, com os trabalhadores em fato a entrar e a sair parece representar a duração do dia de trabalho. Nos anos 30, os documentaristas gostavam de narrar 'um dia na vida', e este tríptico parece uma citação dessa tendência, embora os dois cidadãos retratados façam mais ou menos a mesma sombra, aludindo talvez a um mundo em que o próprio tempo é objecto da gestão. Noutro caso, o sol exhibe-se inequivocamente numa rua das traseiras ou num pátio pintado a amarelo e branco. Produz sombras/marcas escuras a partir de um disco, de uma caixa de ventilação e de um de um projector de luz, e destaca um homem sentado que examina um telefone portátil. Estas metáforas tão complicadas e encantadoras apontam para outras tradições da história do suporte fotográfico: especialmente a poética visual, claramente estabelecida na fotografia modernista.

Numa das imagens, está uma mulher em pé perto de uma passagem de peões, num subúrbio industrial. Tal como muitos dos temas de Patrícia Almeida, permanece à distância e é bastante difícil distingui-la. Ela própria parece estar a olhar para longe, como que a ler um sinal fora do cenário ou a ver se vêm carros. Está a decidir o que fazer, e podia ser considerada como um *leitmotif* de toda esta série japonesa, onde o convite é sempre para avaliar e clarificar, para pensar aqui, ali e em todo lado, para ler os sinais tão correctamente quanto nos for possível: por vezes literalmente... ver KIOSK e LITTLE MERMAID, parcialmente obscurecidos.

A série japonesa de Patrícia Almeida é um dos arranjos mais subtis que a fotografia tem para nos oferecer.